

Projeto e Contemplação como Prática Educativa de Filosofia

Project and Contemplation as an Educational Practice of Philosophy

Ricardo VALIM

Doutorando em Filosofia PUCPR

E-mail: ricardovalimfilosofia@gmail.com

Domingos Perpetuo Alves SOARES

Mestre em Educação UNIR, Assessor Pedagógico DAPE/IFRO

E-mail: domingos.soares@ifro.edu.br

RESUMO:

Objetiva-se no presente estudo uma análise referente a relevância do ensino de filosofia a partir de projetos de ensino que apresentem de forma significativa a necessidade de contemplação para se pensar a realidade de forma mais aproximada da realidade. É de conhecimento que a filosofia desde a sua origem se destacou por sua característica de estar próxima da vida pulsante da polis e neste espaço e a partir dele pensar a existência e demais questões consideradas fundamentais. Por isso trazemos o relato da execução de um projeto de ensino desenvolvido em um campus do Instituto Federal de Rondônia no ano de 2023, como uma estratégia para se trabalhar os conteúdos de filosofia em outro formato de forma mais aproximada da vida da comunidade discente. A metodologia consiste na leitura e análise de textos especializados nas questões aqui abordadas como forma de fundamentar nossa argumentação referente à necessidade de pensar o ensino de filosofia por meio de projetos, sobretudo, em instituições de ensino técnico e tecnológico, como é o caso dos Institutos Federais. A relevância da presente pesquisa consiste no fato de expor a real necessidade de projetos que cada vez mais apresentem a filosofia de forma orgânica a comunidade discente despertando assim não somente o senso crítico, mas também a consciência e diferencial de ser formado em uma instituição federal profundamente comprometida com as pautas contemporâneas como sustentabilidade, pensamento de minorias e decolonialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonial, Filosofia, Projetos, Contemplação, Educação.

ABSTRACT:

The aim of this study is to analyze the relevance of teaching philosophy based on teaching projects that significantly present the need for contemplation in order to think about reality in a way that is closer to reality. It is known that philosophy, since its origins, has stood out for its characteristic of being close to the pulsating life of the polis and in this space, and from there, to think about existence and other

issues considered fundamental. Therefore, we present the report of the execution of a teaching project developed on a campus of the Federal Institute of Rondônia in 2023, as a strategy to work on philosophy content in another format that is closer to the life of the student community. The methodology consists of reading and analyzing texts specialized in the issues addressed here as a way of substantiating our argument regarding the need to think about teaching philosophy through projects, especially in technical and technological education institutions, such as the Federal Institutes. The relevance of this research lies in the fact that it exposes the real need for projects that increasingly present philosophy in an organic way to the student community, thus awakening not only critical sense, but also awareness and the difference of being educated in a federal institution deeply committed to contemporary issues such as sustainability, minority thinking and decoloniality.

KEYWORDS: Decolonial, Philosophy, Projects, Contemplation, Education.

INTRODUÇÃO

Será que existe algum momento em que a filosofia não venha a ser útil para se pensar reflexivamente? Certamente não. Filosofia é mais que necessária em qualquer situação concreta da existência humana. Sua relevância está para além da totalidade do que nós mesmos julgamos compreender. Até porque se a compreendêssemos exclusivamente dentro de nossa compreensão certamente a estaríamos limitando. Isso não é romantismo, mas uma chamada de atenção para perceber, sobretudo, a realidade discente na Rede Federal de Ensino e suas expectativas de futuro.

Mas como trabalhar em sala de aula de forma satisfatória essa filosofia que é tão cara e necessária em tempos de celere transformação tecnológica e científica? O desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e extensão é sem sombra de dúvidas a melhor das alternativas porque permite à comunidade discente não apenas o desenvolvimento de um projeto por si só, mas um estreitamento das relações institucionais entre as comunidades discentes e docentes. Cria-se uma atmosfera de sentido de pertencimento há algo muito maior que si mesmo a partir de um espaço dialógico-reflexivo que pensa a realidade de forma eficaz.

Em termos geográficos nossas instituições se situam em um país com dimensões continentais o que é maravilhoso para se pensar o ensino de filosofia por meio de projetos, porque aqui está contida a grande diversidade cultural brasileira que pode e deve ser utilizada como fonte inspiradora e ponto de partida para se pensar filosoficamente. Mas para isso é preciso desenvolver a dimensão contemplativa da realidade, ou seja, perceber os sinais dos tempos e a partir deles lançar mão de questionamentos que verdadeiramente façam sentido e ajudem a pensar soluções verdadeiramente eficazes para transformar a realidade. É preciso sair dos muros de nossas instituições, de nossos gabinetes e buscar desenvolver atividades que toquem efetivamente o mundo da vida e assim perceber que a filosofia pode ser mais atraente e transformadora do que nós mesmos pensamos ser. Não é no chão de nossas salas de aula que o pensar filosófico acontece, não se iluda quanto a isso, na verdade começa muito antes, ou seja, acontece na realidade originária de cada estudante que adentra os frontões de nossas instituições. Além

da “gana” por conquistar o tão sonhado diploma, existe ali em cada sujeito um jeito próprio de ver o mundo que precisa ser explorado como fonte para o desenvolvimento do tripé educacional do ensino, pesquisa e extensão.

Por isso, objetiva-se no presente estudo desenvolver uma reflexão sobre a filosofia e seu ensino dentro da rede federal de educação apontando o ensino por meio de projetos como uma ferramenta interessante de engajamento para a comunidade discente e docente.

1. O ASPECTO CONTEMPLATIVO DA FILOSOFIA

A filosofia desde sua mais tenra idade criada pelo gênio grego (Reale, 2012, p. 11) embora com algumas discordâncias a este respeito (Hobuss, 2014, p. 26) se expressa como uma profunda forma de conexão com a realidade circundante onde a observação do fluxo contínuo da vida proporciona as mais belas formas materiais de se pensar reflexivamente. A própria transitoriedade da vida ofereceu formas singulares nas quais o ser humano se percebeu e percebe os demais seres de uma forma original e passível de questionamentos.

A vida filosófica consiste então somente em aplicar a cada instante teoremas que se dominam bem para resolver os problemas da vida? De fato, quando se reflete sobre o que a vida filosófica implica, percebe-se que há um abismo entre a teoria filosófica e o filosofar como ação viva. Também o artista tem ares de se contentar em aplicar regras. Mas há uma distância incomensurável entre a teoria abstrata da arte e a criação artística. Ora, na filosofia, não se trata somente de criar uma obra de arte, mas de se transformar a si mesmo. Viver realmente como filósofo corresponde a uma ordem de realidade totalmente diferente daquela do discurso filosófico (Hadot, 2014, p. 265).

Lembremo-nos dos primeiros filósofos que buscando encontrar respostas racionais sem apelo a divindades, até porque seja a linguagem humana, seja a linguagem divina possuam certa incompatibilidade (Incerti, 2023, p. 49) e por isso formularam os primeiros questionamentos que não tinham senão outra necessidade que o encontro com a ἀρχή de todas as coisas. Por isso, “os Antigos encontravam, numa tal consciência e numa tal atitude de vida, a serenidade, a tranquilidade da alma, a liberdade interior, o amor ao outro, a consistência da ação” (Hadot, 2014, p. 330). Encontrar este fundamento era necessário porque a partir dele todas as outras coisas seriam passíveis de serem desvendadas porque fora descoberto seu princípio geral. Vale ressaltar que esta mesma filosofia grega vai influenciar de forma significativa todo o pensamento da cristandade e sua espiritualidade (Hadot, 2014, p. 69) nos milênios seguintes. Exemplo disso é o monaquismo que mantém seus membros sempre vigilantes (Hadot, 2014, p. 76) diante de Deus, assim como os antigos filósofos se mantinham sempre austeros frente às frivolidades humanas. Aqui se enquadra perfeitamente a figura de Sócrates

como aquele que a todo instante se põe em profundo recolhimento (Hadot, 2014, p. 53, 70, 81) levando-o até mesmo ao atraso em compromissos (174 d -175 d). Desse modo fica hierarquizado o que é prioridade ou não na existência humana e a necessidade de sempre buscar manter a sobriedade (Hadot, 2014, p. 70) não para se pôr em grau de superioridade, mas de vigilância, onde até mesmo suas palavras possuem sentido e significado diferentes dos demais convivas (Hadot, 2014, p. 72,78,81) justamente pelo seu teor contemplativo que o diferencia.

Não é para menos que Sócrates é uma figura central nas obras de Platão. Sua desenvoltura impregnada de uma relação umbilical com a realidade permite que seus argumentos e perguntas cheguem onde devem chegar, no coração da interioridade humana.

Assim são as palavras de Sócrates. Partindo da linguagem comum, de assuntos comuns, ele traça caminhos pelos quais seu interlocutor entra em choque consigo mesmo. A banalidade dos assuntos corresponde à banalidade dos interlocutores; Sócrates é um homem da rua e seus interlocutores são encontrados na rua. (Oliveira, 2016, p.329)

Por isso, certamente a rua enquanto tal é o espaço de destaque onde ocorrem as trocas essenciais para a fruição e a mudança dos indivíduos que dialogam com Sócrates. Essa trama, ou se preferir, essa “ferroada” (Oliveira, 2016, p. 322) que penetra como espada de dois gumes só poderia ter o efeito que tem com a ligação entre a sensibilidade perceptiva socrática e vivência das idas e vindas de seus coetâneos da polis grega. Não existe terreno mais fértil que este para o desenvolvimento de uma consciência crítica e criativa. Sendo assim, “somente o cotidiano de Sócrates permite entender sua filosofia, e aí se revela sua exigência moral, seu estar fora do mundo e no mundo ao mesmo tempo. Sócrates, indubitavelmente, representa o modelo ideal do filósofo por toda a antiguidade depois dele”(Oliveira, 2016, p. 340), sobretudo, pela sua coragem (28 b, 165-166) registrada por Platão na sua *Apologia* ou *Defesa de Sócrates*.

Isso mesmo! A Filosofia pressupõe coragem para dizer a verdade a exemplo de Sócrates que deu sua própria vida pelo que acreditava como nos lega a tradição ocidental. Ao analisar todos estes elementos chega-se ao entendimento de que só assim será possível compreender Platão em sua obra *República* quando fala sobre a nobreza socrática (I, 337 a, p. 21) que está para além de um egoísmo e se situa na ordem do cuidado de si e do outro, pois não oferece oposição ao cuidado para com a cidade (Hadot, 2014, p. 37, 66) que é o ponto culminante das relações. Veja que a própria vida de Sócrates é fonte de contemplação para se pensar estratégias de desenvolvimento de atividades de ensino e aprendizagem de filosofia.

Da mesma forma podemos perceber que de certo modo todos os filósofos ao longo dos séculos que se sucederam procuraram também ao seu modo encontrar elementos que de fato viessem a produzir respostas para suas indagações retirando os mesmos de permanecerem fixados no cotidiano de suas existências (Hadot, 2014, p. 212) e de forma geral isso dá condições suficientes para o surgimento do que hoje compreendemos como correntes filosóficas. Onde o filósofo é alguém que está completamente desenraizado (Hadot, 2014, p. 59) da realidade que o cerca a partir de um novo olhar e por isso a vivência da virtude por si mesma poderia ser a maior de todas as recompensas (Hadot in Gual *et all*, 2013, p. 56) que um amante da sabedoria poderia experienciar.

Fazer essa breve retrospectiva é necessário para lembrar que a filosofia tem seu valor contido no estímulo que proporciona aos que dela se aproximam com o intuito de avançar para as abundantes águas do vasto conhecimento humano. Neste sentido, em um mundo fragmentado de sentido se faz necessário “[...] reconsiderar o sujeito em sua integralidade, globalidade [...]” (Incerti *et all*, 2022, p. 33). Mas para que isso venha a acontecer efetivamente é que entra em jogo a dinâmica contemplativa da vida porque somente “[...] assim será possível enxergarmos que vivemos em um momento histórico outro” (Incerti *et all*, 2022, p. 38) e que carece de respostas satisfatórias para seus respectivos dilemas.

A contemplação exige além de “[...]uma vida consagrada à investigação desinteressada [...]” (Hadot, 2014, p. 138) atenção aos sinais dos tempos que volta e meia nos deparamos enquanto pensadores comprometidos com o ensino de filosofia de forma eficaz. Ou seja, só a contemplação está estritamente ligada à percepção deste mundo que nos cerca.

O obstáculo à percepção do mundo não se situa, portanto, na modernidade, mas no próprio homem. O homem deve se separar do mundo enquanto mundo para poder viver sua vida cotidiana e deve se separar do mundo ‘cotidiano’ para reencontrar o mundo enquanto mundo (Hadot, 2014, p. 322).

Mesmo com tantos avanços tecnológicos e científicos, o ser humano parece ter dificuldade em ver o mundo como ele realmente é, ou minimamente como os antigos filósofos o buscavam ver e por isso se faz necessário [...] realizar uma reinserção do eu no mundo e no universal” (HADOT, 2014, p. 314) por meio do exercício da sabedoria. A caminhada filosófica é um desenraizamento da vida cotidiana com vistas a uma mudança substancial de comportamento (Hadot, 2014, p. 58) e por isso podemos compreender a filosofia antiga, por exemplo, como uma espécie de exercício espiritual acético (Hadot, 2014, p. 59). Diferente de outras épocas em que pensamos em sistemas filosóficos, aqui neste ponto, temos um método que busca a “[...] formação de uma nova maneira de viver e ver o mundo [...]” (Hadot, 2014, p. 64) tendo em vista a transformação deste mesmo ser humano.

Enquanto professores de filosofia o grande desafio é justamente transmitir o compromisso que o filósofo tem com uma coerência de vida expressa entre a sua existência mesma e os discursos que profere porque é inseparável (Hadot, 2014, p. 249) que é vivido no dia a dia (Nunes *et all*, 2018, p.180). Sem essa coerência o discurso torna-se vazio porque não tem ligação com a concretude existencial, é apenas retórica abstrata.

Faz-se necessário pensar em classe estratégias de ensino e aprendizagem que auxiliem a comunidade discente a pensar filosoficamente a partir do cotidiano de suas próprias vidas, culturas. No seio de cada vivência se encontram elementos chaves de reflexão e crítica da sociedade que oportunizam diálogos interessantes e harmônicos com os temas de filosofia. Exemplo disso, numa perspectiva decolonial tem a obra de Davi Kopenawa Yanomami intitulado *A Queda do Céu - Palavras de um Xamã Yanomami* onde se encontra a compreensão ontológica de ser yanomami como “somos outra gente” (2015, p. 443, 456, 459) em oposição ao “povo da mercadoria” (2015, p. 407 e 419) que é a identidade ocidentocêntrica pensada pelos indígenas. Nota-se aqui um olhar filosófico por sobre o ser e que pode e deve ser explorado em classe com os discentes, sobretudo, como crítica do presente e voz política autoral. Deste modo, haverá a formação e desenvolvimento de senso crítico por meio de práticas concretas o que é muito bom para se fazer filosofia de forma genuína e não apenas fazer história da filosofia decorando períodos históricos, nomes e datas, ou simplesmente memorizando frases impactantes de célebres filósofos. É lógico que saber todas essas coisas são necessárias para a aprendizagem de filosofia, mas permanecer somente nisso não é suficiente, sobretudo, em uma época de fragmentação dos sentidos.

O homem filosófico pratica a filosofia em sua vida por meio dos hábitos diários, dessa forma verificamos que cada escola filosófica possui o seu modo de vida particular, como no caso dos platônicos com o seu orgulho e os epicuristas com a sua pouca alimentação. Assim, a característica que difere uma escola da outra é a escolha por um determinado modo de vida. (Nunes *et all*, 2018, p.182)

Desenvolver a consciência das diferenças entre cada época e as formas elementares de pensamento reflexivo nelas pensadas é fundamental. Agora a grande questão é: como isso pode me ajudar a pensar o meu cotidiano? Se minimamente não houver empenho para a busca de encontrar respostas para essa pergunta, então de que servirá aprender tais conteúdos? Não teremos apenas lançado palavras ao vento? Agora na medida em que se pensa estratégias que estimulem a comunidade discente a responder haverá grande probabilidade de que se encontrem respostas tímidas que ao longo do tempo irão se aprimorando. É no chão da sala de aula que se travaram os mais belos diálogos criativos e estimulantes para se pensar verdadeiramente a filosofia em sintonia com a vida. Por isso, seguiremos agora abordando a necessidade de estar atentos a estes sinais, sobretudo, no que se refere ao aspecto crucial

que hoje tem sido bastante abordado que é a decolonialidade. Talvez seja esse o grande sinal de nosso tempo e que indica um caminho importante a ser trilhado por docentes e discentes de filosofia principalmente.

2. ATENTOS AOS SINAIS DOS TEMPOS - ASPECTO DECOLONIAL DA FILOSOFIA

Na atual conjuntura social marcada por tantas lutas de minorias pode ser um palco interessante para a atuação de professores de filosofia que visam pensar a realidade a partir dos sinais que aí estão. Neste quadro se insere a importância do pensar filosófico como forma de ampliar horizontes reflexivos diante das transformações pelas quais passa a sociedade, conferindo assim um sentido de atualidade.

Se analisarmos, por exemplo, o estímulo à pesquisa referente ao pensamento indígena brasileiro contemporâneo os discentes podem descobrir ao longo do processo uma riqueza sem paralelos e que abre margem para reflexões substanciais à luz de uma tradição ancestral que está fora do eixo Europa-EUA. E o mais importante é que essa mesma tradição vem se alinhando, se adaptando às novas tecnologias para perpetuar e transmitir suas epistemologias (Valim, 2023, p. 168; Valim, 2024, p. 73, 115) com todo seu teor de originalidade presente em tradições ancestrais que até então eram desconhecidas (Valim, 2023, p. 121). Vale ressaltar que quando se fala em tradição ancestral, toca-se neste momento no cerne precioso da questão para os povos indígenas. É nesta ancestralidade que se encontram as respostas e as orientações (Kopenawa, 2015, p. 466, 470, 475, 477, 485; Danner *et al*, 2018, p. 395; Valim, 2024, p. 112) necessárias para viver com sobriedade e de forma harmônica com toda a realidade circundante (Valim, 2024, p. 15, 17, 35, 43, 74, 100, 108, 110; Arias, 2011, p. 11) e que precisam ser ouvidas atentamente (Kopenawa, 2015, p. 150, 170, 237, 430, 461, 481), afinal são “pedaços” de uma mesma comunidade e que pela sua voz manifestam-se como verdadeiros interlocutores realizando uma diplomacia entre os mundos que se atravessam (Taylor; Viveiros de Castro, 2019, p. 774, 809; Viveiros de Castro, 2002, 357-358). Enquanto para os ocidentais sua sabedoria está contida em seus livros “peles de papel” (Kopenawa, 2015, p. 13, 390, 435, 456, 468) e bancos de dados que se traduzirmos não passam de palavras de mercadoria (Kopenawa, 2015, p. 435, 509), para os indígenas ela está muito bem guardada nos porões de suas memórias e a todo instante despertam para a transformação do ser que a elas recorrem.

Além disso, a sabedoria presente na ancestralidade indígena permite o entendimento de que esses mesmos indígenas possuem uma profunda compreensão no que se refere a diversidade da vida e como cada povo é seu próprio centro de consciência porque sua análise fundamental parte antes de sua própria corporeidade existencial cuja identidade é produzida pelos olhares da comunidade (Taylor; Viveiros de Castro, 2019, p. 773, 776, 784; Viveiros de Castro, 2002, p. 351, 354, 355; Viveiros de

Castro, 2020, p. 41). Veja que um projeto de ensino que contemple essa gama de possibilidades oferece à comunidade discente uma ampliação da perspectiva do pensamento indígena como algo muito mais amplo e que pode sim contribuir de forma significativa para pensar a realidade de uma forma mais viva e sustentável.

Estar atento aos sinais dos tempos é isso mesmo, é busca por sobriedade e entendimento real de realidades que nos escapam devido a uma colonialidade do saber que perdura em nossos corações e mentes impedido que venhamos a ver as coisas como elas realmente podem ser. Neste sentido, o pensamento indígena brasileiro contemporâneo presente nas mais variadas formas como cinema, literatura, artes visuais apresenta o poder transformador e de adaptação de sua ancestralidade que quer comunicar a humanidade de forma autêntica às verdades eternas que nos pedem “cuidado”. Cuidado com a natureza, cuidado com o que estamos fazendo a nós mesmos enquanto sociedade.

As palavras dos antigos xamãs ensinam o caminho para a vida verdadeira que não está focada em questões superficiais como dinheiro e riqueza, mas na essência da própria vida que é a natureza. Sem a consideração devida a essa sabedoria a humanidade corre o risco de perder sua própria fonte de entendimento do que realmente importa.

Agora, veja que maravilha de conhecimento e que pode estar à disposição de comunidades discentes de ensinos superiores e técnicos de todo o Brasil. Seria necessário um investimento, que não necessariamente é financeiro, tanto na capacitação da comunidade discente, mas também uma mudança nos Projetos Pedagógicos de Cursos que talvez ainda não tenham contemplado a perspectiva decolonial. E aqui não estamos falando somente das disciplinas ligadas às humanidades, mas todas as outras também.

Pensar a ciência e a tecnologia de forma decolonial é fundamental em nossos dias, “é a crista da onda”, sobretudo, para regiões mais distantes dos grandes centros brasileiros. E por isso se faz necessário um despertar para a realidade, sair das zonas de conforto de conhecimento¹ que cada área possui e ter a humildade epistêmica suficiente para perceber que minha disciplina não possui todas as respostas e que estas mesmas respostas podem significar absolutamente nada para povos que possuem outras cosmovisões.

Por isso, agora, passaremos adiante com um exemplo concreto do desenvolvimento de um Projeto de Ensino pensado para um curso superior da área de Engenharia Química de um Instituto Federal presente na região da Amazônia Ocidental. Projeto este desenvolvido e que despertou a

¹ Sobre essa questão vale conferir o pertinente artigo a seguir: MOURÃO GUIMARÃES, Renata; SILVA, Kleber Aparecido da. *Políticas linguísticas para a internacionalização da educação: Um olhar decolonial a partir dos institutos federais*. Revista Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 33–56, 2022. DOI: 10.46230/2674-8266-14-8529. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/8529>. Acesso em: 4 dez. 2024.

curiosidade e criatividade da comunidade discente para o ensino de filosofia fora do eixo do que já haviam estudado ao longo da vida.

3. PROJETO *COSTURANDO SABERES* DO IFRO CALAMA - ALTERNATIVA PARA O ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO SOBRE FILOSOFIA E DECOLONIALIDADE

Ter a oportunidade de viver em uma região amazônica como é o caso de Rondônia é uma oportunidade sem paralelos para o desenvolvimento de pesquisas e projetos, justamente pela sua diversidade de povos e culturas. É um espaço que favorece e acolhe novas propostas de desenvolvimento de atividades para a melhoria da qualidade de ensino. Neste sentido, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia no Campus Porto Velho Calama se destaca no que se refere ao engajamento de profissionais e adesão da comunidade discente. Logo, o Projeto “Costurando Saberes” não encontrou objeções para sua execução, o que favoreceu seu desenvolvimento com muita naturalidade.

Pelo seu próprio nome “Costurando Saberes”, temos uma ideia de que ele buscava ser uma ferramenta de inclusão e partilha de saberes entre as diferentes áreas do conhecimento dentro de um Instituto Federal. Costurar implica ligar pontos fazendo de várias partes um grande todo. Essa grande colcha de retalhos de saberes objetivou a superação de um conhecimento meramente de “gavetinhas” onde os saberes não transitam entre si. É muito estranho quando perguntamos a discentes dos segundos anos e terceiros anos do ensino médio integrado para que serve filosofia em seu curso e a respostas variam entre: “ética”, “não sei”, “não serve para nada”. Não é muito estranho? Pois bem, com base na escuta sintomática de respostas como estas é que surgiu o Projeto “Costurando Saberes”.

Este projeto foi desenvolvido no ano de 2023 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, o IFRO, na primeira turma do Curso Superior de Bacharelado de Engenharia Química do Campus Porto Velho Calama sendo aprovado nos termos da Portaria nº 306/PVCAL - CGAB/IFRO, de 19 de Junho de 2023² (Valim *et al*, 2023, p. 78). Este projeto que teve seu reconhecimento tanto no Brasil como no exterior permitiu aos seus coordenadores perceberem alguns elementos muito interessantes quando se trabalha filosofia por meio de projetos de ensino.

Um destes sintomas acredita-se, todo professor em sala de aula já deve ter ouvido ao menos uma vez no uso de suas atribuições, sobretudo, quando o docente coloca ou tenta colocar como desafio

² Para mais detalhes, veja o artigo publicado referente ao projeto: VALIM, Ricardo; SOARES, Domingos Perpetuo Alves. *Decolonizando Metodologias* - O Projeto “Costurando Saberes” no IFRO Câmpus Porto Velho Calama. Revista Relicário, Uberlândia, Brasil, vol. 10 nº. 20, p. 76-93, 2023. DOI: <https://doi.org/10.46731/RELICARIO-v10n20-2023-284>. Disponível em: <https://revistarelicario.museudeartesauberlandia.com/index.php/relicario/article/view/284>. Acesso em: 02 dez 2024.

para a classe a produção de um artigo científico. Ao que parece o “[...] o desenvolvimento de um artigo é algo “chato”, “cansativo” e o que é pior, muitos acabam não compreendendo, o verdadeiro valor de uma pesquisa que é a sistematização e partilha de saberes” (Valim *et all*, 2023, p. 80). Se o conhecimento perde sua razão última de ser e permanece nas superficialidades aparentes, evidentemente que se tornará algo que “podemos deixar para depois”, mas quando a verdadeira função de um artigo é percebida e recompensada isso se torna não mais um “fardo”, mas uma oportunidade de melhorar o currículo, e, sobretudo de desenvolvimento da própria consciência crítica autônoma diante da realidade que os cerca.

Percebe-se no desenvolvimento de projetos como este o empenho da comunidade discente que começa aos poucos a “tomar gosto” pela pesquisa acadêmica fazendo pontes entre as disciplinas da área técnica e da base comum. Nisto a sala de aula torna-se um verdadeiro “[...] palco oportuno para o protagonismo discente. Permitir que o discente seja ele mesmo e manifeste suas angústias referentes ao que lhe inquieta é fundamental para o seu desenvolvimento” (Valim *et all*, 2023, p. 81). Até porque ao partir de suas próprias indagações os conteúdos filosóficos se tornam mais familiares e o desafio de pensar a realidade e o Curso Superior de Engenharia Química, por exemplo, não aparenta mais ser uma barreira intransponível, mas apenas o primeiro passo de uma grande transformação humana.

Outro grande desafio enfrentado na coordenação de um projeto como este é lidar com a expectativa e a realidade pela qual passa a comunidade discente. Existe um forte e ininterrupto questionamento sobre a qualidade do trabalho apresentado. Cabe ao docente gestor do projeto pensar argumentações motivadoras a partir da beleza registrada nas pesquisas. Valorizar cada passo dado pelo discente é fundamental para que não se perca o interesse pela pesquisa.

Lidar com a ansiedade de uma possível aceitação ou rejeição em evento científico é algo que certamente em maior ou menor grau, a depender da formação, todos que trilharam os caminhos do saber acadêmico sabem como é. Porém, em todos os eventos que a comunidade discente participou, seus artigos foram aceitos e essas aprovações proporcionam aquela sensação visível no olhar de cada discente de aceitação, de valorização e de conquista pessoal. (Valim *et all*, 2023, p. 84).

É interessante observar e aqui cabe até mesmo um elogio aos organizadores dos eventos nos quais os discentes participaram com suas apresentações³, pois sempre foram muito humanos e sensíveis, acolhendo os trabalhos apresentados e apontando de forma exemplar o que deveria ser aperfeiçoado

³ Citamos aqui o exemplo de uma pesquisa realizada dentro do Projeto “Costurando Saberes” e que recebeu inclusive premiação em evento internacional pela sua qualidade: ALMEIDA, Willians Prestes de; VALIM, Ricardo. *La Importancia del Sentido Crítico Sostenible en la Innovación de Métodos y Procesos de Ingeniería Química*. Revista Latino-americana de Ambiente Construído & Sustentabilidade, [S. l.], vol. 4, n°. 14, 2023. DOI: 10.17271/rla.v4i14.4489. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/rlaac_sustentabilidade/article/view/4489. Acesso em: 3 dez. 2024.

em cada pesquisa. Esse fato desperta nos discentes um senso de responsabilidade e um sentimento de acolhimento e alegria (Telles *et all*, 2023, p. 298) que estimula a vontade de aperfeiçoar as pesquisas. É fato que o rigor científico e acadêmico é fundamental para que se tenham pesquisas de qualidade. Porém, ser educado, acolhedor para com aqueles que iniciam sua vida acadêmica é crucial também, porque é a partir daí que começam as primeiras motivações para levar a cabo cada projeto.

Mais do que uma simples aprovação em um evento, estes trabalhos serviram como reforço positivo na construção de uma identidade autoral cujo protagonismo se insere nas bases da existência humana de cada discente a partir da sala de aula. Portanto, é a sala de aula um espaço de aprendizado em que não somente a comunidade discente deve se chegar somente para ouvir, deve ser um espaço dialógico em que a partilha de saberes é viva, da comunhão dos saberes, o protagonismo jovem seja um afluente fecundo de novas possibilidades de se pensar a realidade. Os discentes dão aos seus mestres todos os elementos necessários para o desenvolvimento de uma pesquisa com qualidade, tudo dependerá da abordagem, do fator motivador, da linguagem e da imagem que se passa de uma pesquisa. (Valim *et all*, 2023, p. 85-86).

Como se pode observar, várias questões estão em jogo. Não se trata apenas de aprender um conteúdo sobre decolonialidade e pensamento indígena, por exemplo, mas sim o que isso verdadeiramente importa “na minha vida de discente” e “no futuro que almejo” enquanto profissional da área. Até porque o próprio pensamento indígena que não procura entrar em choque com a sabedoria ocidental, mas se impor como original (Valim, 2024, p. 130; Almeida Júnior, 2024, p. 372) traz importantes reflexões para a vida acadêmica dos discentes porque ensina a pensar a partir da realidade e de forma comprometida com a mesma o que verdadeiramente importa. Pois, “pensar diferente e reconhecer isso naquele que interage conosco pode ser considerado uma ótima oportunidade de crescimento” (Valim, 2023, p. 31270). Existe aqui toda uma perspectiva de trabalho voltada para a interioridade de cada discente e que precisa ser explorada ao máximo. Em um mercado profissional tão inflacionado pela quantidade de mão de obra qualificada, qual será a contribuição autêntica dos discentes estudantes de filosofia do Instituto Federal?⁴ Essa é uma pergunta importante a ser feita cotidianamente para os discentes.

O Projeto “Costurando Saberes” foi desenvolvido para justamente superar essas dificuldades proporcionando um protagonismo fortemente ligado à noção de cuidado com o meio ambiente, com os povos, com as minorias e principalmente as comunidades indígenas que diretamente ou indiretamente sofrem com os impactos do desenvolvimento tecnológico e científico. Deste cria-se as condições necessárias para a

⁴ Neste sentido vale conferir a seguinte pesquisa produzida dentro do Projeto “Costurando Saberes” e que também foi premiado segundo a qualidade que lhe foi atribuída pelos organizadores: SILVA, Hugo Rodrigues da; VALIM, Ricardo. *El Extractivismo en la Amazonia Integrado en Cadenas de Producción Sostenibles: una revisión*. Revista Latino-americana de Ambiente Construído & Sustentabilidade, [S. l.], vol. 4, nº 14, 2023. DOI: 10.17271/rlas.v4i14.4507. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/rlaac_sustentabilidade/article/view/4507. Acesso em: 3 dez. 2024.

formação de um “novo ser humano integral” que não mais pisa sobre a terra, mas a toca afetuosamente porque sabe que ela também é parte de sua própria vida. (Valim *et all*, 2023, p. 87)

Mas para que projetos como este venham a acontecer se faz necessário uma busca por capacitação constante para os servidores envolvidos (Telles *et all*, 2023, p. 298), sobretudo, para o despertar de sensibilidade para o pensamento de que a filosofia pode e deve nos ajudar a pensar a realidade “[...] que está passando diante das nossas janelas da sala de aula, nos pátios, corredores, salas de professores e na rua (Almeida Júnior, 2024, p. 373). Sem a apresentação da filosofia como uma disciplina orgânica pode-se sucumbir à tentação de buscar por todos os meios para mantê-la enjaulada como uma fera selvagem. Filosofia tem em sua gênese a liberdade escrita em letras garrafais e é para esta liberdade no encontro da verdade que todo filósofo que se preze deve caminhar. E como vimos o Projeto “Costurando Saberes” foi uma ferramenta interessante neste processo de ensino e aprendizagem de filosofia dentro de um curso superior da área de engenharia química de um Instituto Federal. Talvez o projeto deveria ter se desenvolvido de outra forma com outras metodologias? Sim, poderia, mas pelas circunstâncias e maturidade de cada um de seus participantes se deu como está.

Um projeto de ensino que se preze deve ser percebido não de forma engessada e como arauto da salvação da filosofia, mas apenas como um ponto de partida, um método entre tantos outros possíveis (Almeida Júnior, 2024, p. 370). E isso é maravilhoso, porque mostra a plasticidade de um projeto que pode se adaptar e ser aperfeiçoado em cada espaço novo. Resolveu todos os problemas detectados? Certamente não, porém o mais importante foi feito, foi dado o primeiro passo no rumo de uma mudança do ensino e aprendizagem de filosofia por meio de projetos.

CONCLUSÃO

Conclui-se que não basta somente elaborar projetos de ensino e tentar aplicá-los se estes não estiverem permeados por um sentido de pertença e por uma contemplação pautada na realidade. No caso do projeto apresentado como modelo seu existo se deu pela adesão da comunidade discente que encontrou sentido na pesquisa para além de meros estereótipos negativos. Compreenderam que era importante desenvolver pesquisas e que com elas poderiam exercer um protagonismo a partir de sua própria condição humana amazônica.

Sem o aspecto contemplativo que considera as especificidades locais um projeto terá muito poucas chances de conquistar espaço na vida da comunidade discente porque não fará sentido algum para os envolvidos e certamente haverá desistências. No entanto, quanto mais aproximado for o projeto da vida dos discentes, mais chances terá de se desenvolver bem. Por isso, é importante que os

professores e demais servidores envolvidos estejam abertos para a escuta atenta das propostas da comunidade discente, isso mesmo, a grande transformação tem que partir dos discentes. Faz-se necessário então ouvir o que os discentes têm a dizer como propostas. Sentindo-se acolhidos e ouvidos não há porque um projeto não dar seus resultados positivos.

A filosofia deve tocar a realidade da comunidade discente como sempre fez ao longo da história. Sem um despertar para o conhecimento em um espaço dialógico o próprio conhecimento se tornará limitado, quando na verdade deveria ser ilimitado. É preciso então pensar estratégias para descolonizar metodologias e apresentar de forma acessível nos Projetos Pedagógicos dos cursos ofertados pelos Institutos Federais perspectivas de saberes que se situam fora da ordem da tradição ocidental do conhecimento. Estes saberes ocidentais são importantes? É claro que sim, porém, não são a única fonte de verdade e legitimidade de saberes. Logo, ouvir as vozes de origem dos povos indígenas, que aqui abordamos de forma mais incisiva, torna-se essencial se quisermos as próximas gerações de profissionais formados nas instituições federais realmente comprometidos com a vida em toda a sua extensão.

Vale ressaltar que aqui não estamos fomentando nenhum tipo de atitude abolicionista com relação à tradição ocidental e nem afirmando que as instituições federais não têm cumprido seu papel. Apenas estamos afirmando que quanto mais sobre a diversidade de pensamento falarmos, tanto mais formas de se pensar a realidade irão fluir pelos espaços institucionais.

É no coração das nossas instituições, que são os discentes, que encontramos todas as respostas necessárias para uma verdadeira transformação a partir de espaços dialógicos filosóficos que permitem o acesso a outros saberes e a descoberta do verdadeiro sentido da existência humana permeada pelos mundos que nos atravessam. Portanto, filosofia nos IF's deve ser muito mais do que apenas sinônimo de ética, mas uma oportunidade de compreender a vida e seu sentido último de forma mais profunda para que ao pensar a realidade possa haver de fato um esclarecimento substancial e transformador a partir da própria subjetividade humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Willians Prestes de; VALIM, Ricardo. *La Importancia del Sentido Crítico Sostenible en la Innovación de Métodos y Procesos de Ingeniería Química*. Revista Latino-americana de Ambiente Construído & Sustentabilidade, [S. l.], vol. 4, nº. 14, 2023. DOI: 10.17271/rlaac.v4i14.4489. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/rlaac_sustentabilidade/article/view/4489. Acesso em: 3 dez. 2024.

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. *O Que Motiva Professoras e Professores ao Ensino de Filosofia?* Problemata Revista Internacional de Filosofia. vol. 15, nº 1, 2024, p. 366-376. DOI:

<https://doi.org/10.7443/problemata.v15i1.70224> Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/70224>. Acesso em: 3 dez. 2024.

ARIAS, Hortensia Caballero. *Los Yanomami*. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2011.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie. *Literatura de Minorias como Crítica do Presente e Politização Radical: reflexões sobre a literatura indígena brasileira*. Revista Crioula, [S.l.], nº 21, pg. 197 a 233, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143341>. Acesso em: 05 dez. 2024.

GUAL, Carlos García; LLEDÓ, Emilio; HADOT, Pierre. *Filosofia para La Felicidad - Epicuro*. Madrid: Errata Naturae Editores, 2013.

HADOT, Pierre. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. Trad. Flavio Fontenelle Loque; Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

HADOT, Pierre. *O que é a Filosofia Antiga?* São Paulo: Loyola, 2014.

HOBUSS, João Francisco Nascimento. *Introdução à história da filosofia antiga*. Pelotas: NEPFIL online, 2014.

INCERTI, Fabiano. *Édipo Entre a Voz, a Escuta e o Caminho*. Pensando - Revista de Filosofia, [S. l.], vol. 14, nº 31, p. 44–54, 2023. DOI: 10.26694/pensando.vol14i31.4113. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/4113>. Acesso em: 03 dez. 2024.

INCERTI, Fabiano; CANDIDO, Douglas Borges. *Encontrando as Metáforas Certas: um diálogo entre Karl Popper e Michel Maffesoli em torno da pós-modernidade*. Revista Ágora Filosófica, Recife, vol. 22, nº 3, p. 26–42, 2022. DOI: 10.25247/P1982-999X.2022.v22n3.p26-42. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1612>. Acesso em: 03 dez. 2024.

MOURÃO GUIMARÃES, Renata; SILVA, Kleber Aparecido da. *Políticas linguísticas para a internacionalização da educação: Um olhar decolonial a partir dos institutos federais*. Revista Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 33–56, 2022. DOI: 10.46230/2674-8266-14-8529. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/8529>. Acesso em: 4 dez. 2024.

NUNES, Lucas Alves; VERAS, Cesar Augusto; TREVIZAN, Marcio Bogaz. *A compreensão de ‘exercícios espirituais’ em Pierre Hadot*. Synesis (ISSN 1984-6754), [S. l.], vol. 10, nº. 1, p. 166–185, 2018. Disponível em: <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1422>. Acesso em: 4 dez. 2024.

OLIVEIRA, Loraine. *A figura de Sócrates segundo Pierre Hadot*. Revista Archai, [S. l.], nº. 18, p. 291, 2016. DOI: 10.14195/1984-249X_18_9. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8702>. Acesso em: 4 dec. 2024.

PLATÃO. *República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

PLATÓN. *Diálogos I - Apología, Critón, Eutífron, Ion, Lisis, Cármides, Hípias Menor, Hípias Mayor, Laques, Protágoras*. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

PLATONE. *Apologia di Socrate - Simposio*. Trad. Angela Cerinotti. Milano: Giunti Editore, 2016.

REALE, Giovanni. *Pré-Socráticos e Orfismo* - História da filosofia grega e romana. Vol. 1. Trad. Marcelo Perini. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.

SILVA, Hugo Rodrigues da; VALIM, Ricardo. *El Extractivismo en la Amazonia Integrado en Cadenas de Producción Sostenibles: una revisión*. Revista Latino-americana de Ambiente Construído & Sustentabilidade, [S. l.], vol. 4, nº 14, 2023. DOI: 10.17271/rlass.v4i14.4507. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/rlaac_sustentabilidade/article/view/4507. Acesso em: 3 dez. 2024.

TAYLOR, Anne Christine; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Um corpo feito de olhares (Amazônia)*. Revista de Antropologia, São Paulo, Brasil, vol. 62, nº 3, p. 769–818, 2019. DOI: 1310.11606/2179-0892.ra.2019.165236. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165236>. Acesso em: 15 nov. 2024.

TELLES, Livia Catarina Matoso dos Santos; TELLES, Anderson Teixeira; VALIM, Ricardo. *O Brincar e a Orientação Socioeducativa para Promover a Inclusão Escolar de Estudantes do IFRO em Situação de Vulnerabilidade*. Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, [S. l.], vol. 16, nº 1, p. 290–304, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.1-019. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/356>. Acesso em: 3 dez. 2024.

VALIM, Ricardo; SOARES, Domingos Perpetuo Alves. *Decolonizando Metodologias - O Projeto “Costurando Saberes” no IFRO Câmpus Porto Velho Calama*. Revista Relicário, Uberlândia, Brasil, vol. 10 nº. 20, p. 76-93, 2023. DOI: <https://doi.org/10.46731/RELICARIO-v10n20-2023-284>. Disponível em: <https://revistarelicario.museudeartesauberlandia.com/index.php/relicario/article/view/284>. Acesso em: 02 dez 2024.

VALIM, Ricardo; DANNER, Leno Francisco. *Epistemologia Indígena: O que É e em que Consiste essa Questão?*. In: Barbosa, Xênia de Castro; Marques, Tayana Maria Tavares; Santos, Deivis Nascimento dos; IV. Oliveira, Smith Araújo de; Aguiar, Verônica; Aparecida Silveira; Moser, Lílian Maria.. (Org.). Pós-graduação na Amazônia: experiências de pesquisa desenvolvidas no Instituto Federal de Rondônia e na Universidade Federal de Rondônia. 1ed. Curitiba: Editora Bagai, 2023, v. 1, p. 114-125.

VALIM, Ricardo. *Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro: Análise das ontologias tupi-guarani e yanomami*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2024.

VALIM, Ricardo. *Os Povos Indígenas e o Uso das Tecnologias da Informação como Recurso EAD na Defesa e Difusão de suas Culturas*. In: ARAÚJO, Vanessa Freitag de. (Org.). Educação: Política, estado e formação humana 2. 1ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2023, v. 2, p. 162-172.

VALIM, Ricardo. *Tecnologias da Informação e Povos Indígenas Brasileiros Contemporâneos: análise dos desafios éticos, culturais e epistêmicos*. Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, [S. l.], vol. 16, nº 12, p. 31267–31276, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.12-132. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/3652>. Acesso em: 3 dez. 2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais* - Elementos para uma Antropologia Pós-Estrutural. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Perspectivismo e Multiculturalismo na América Indígena*. In: A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo: CosacNaify, 2002, p. 345-400.



VALIM, Ricardo; SOARES, Domingos Perpetuo Alves. Projeto e Contemplação como Prática Educativa de Filosofia. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.22, n.2, 2025, eK25016, p. 01-16.

Recebido: 02/2024

Aprovado 04/2024

: